

Turismo Futebolístico – um exemplo de utilização do Futebol como tema de um passeio a pé pelo Centro Velho da cidade de São Paulo

por Sérgio Miranda Paz

palavras-chave: Turismo Futebolístico / Centro Velho de São Paulo / Times Paulistanos / passeio a pé

Introdução

Tendo atravessado um período de décadas de decadência, o Centro Velho de São Paulo, região também conhecida como o *Triângulo Histórico*, tem seus vértices nas igrejas do Mosteiro de São Bento, do Largo de São Francisco e do antigo Convento do Carmo.

Trata-se de uma região de imensa importância histórica, intimamente ligada à memória da maior metrópole do Hemisfério Sul. Ali está o Pátio do Colégio, local onde a cidade nasceu. Ali está a Praça da Sé, com sua imponente catedral, seu marco zero, seu jardim de esculturas e sua estação de Metrô, verdadeiro símbolo da resistência por ter abrigado episódios como a cerimônia ecumênica pela morte do jornalista Vladimir Herzog e o primeiro comício das Diretas Já. Ali estão as ruas Direita, São Bento e XV de Novembro (um triângulo dentro do triângulo!), que, tendo perdido a condição de principal centro financeiro e comercial da cidade, ainda resistem à degradação da região, ostentando antigas construções de inegável beleza arquitetônica.

Nos últimos 20 anos, várias ações buscaram revitalizar essa área. Em especial, o trabalho da *Viva o Centro*, entidade de utilidade pública, sem fins lucrativos, que visa o desenvolvimento da área central de São Paulo, em seus aspectos urbanísticos, culturais, funcionais, sociais e econômicos. Na esteira desse trabalho, têm surgido grupos interessados em explorar e mostrar a paulistanos e forasteiros os atrativos turísticos que a região oferece, como: a *Caminhada Noturna*, os *Caminhos do Triângulo*, o *São Paulo Free Walking Tour* e o *Giro in Sampa*. Curiosamente, esses passeios têm provado que o Centro de São Paulo pode ser explorado de diversas formas, envolvendo diferentes temas. Este trabalho aborda um dessas possíveis temáticas: o Futebol.

Único país a ter disputado todas as 19 edições da Copa do Mundo de Futebol, e a ter vencido 5 delas, neste ano de 2014 o Brasil terá nova oportunidade de sediar a competição. E, como local da abertura, outra vez caberá a São Paulo o papel de servir como porta de entrada do Futebol no Brasil, uma vez que foi na Várzea do Carmo, às margens do Tamanduateí, que, em 1895, se disputou a primeira partida do esporte no país, entre os times dos funcionários da *Companhia de Gás* e da *São Paulo Railway*. Tudo muito bem documentado pelo paulistano do Brás Charles Miller, que, no ano anterior, trouxera para cá as duas primeiras bolas da Inglaterra, onde estudara por 10 anos, e onde aprendera a praticar o *football*.

Metodologia

O que se desejou fazer foi um roteiro pelo Centro Velho de São Paulo, que pudesse ser cumprido a pé em cerca de 2h, a uma velocidade de passeio, com algumas paradas. Esse roteiro deveria passar por pontos de interesse turístico, de tal forma que cada ponto tivesse relação com a história de algum time paulistano de Futebol e com algum personagem importante da cidade.

Para a determinação dos times incluídos no roteiro, foram escolhidos todos os que, sediados em São Paulo, em 2013 disputavam o Campeonato Paulista em qualquer uma de suas quatro divisões (Audax, Corinthians, Juventus, Nacional, Palmeiras, Portuguesa e São Paulo). Foram ainda incluídos: o Guapira (ainda em atividade, mas licenciado da disputa do campeonato), o Ypiranga (ainda existente, mas com seu departamento de futebol profissional já extinto), o São Bento (extinto) e o Santos (sediado fora da cidade). Os cinco times pioneiros (São Paulo Athletic, Mackenzie, Internacional, Germânia e Paulistano) não foram incluídos, pois já fazem parte de um outro roteiro, cujo tema é o Campeonato Paulista de 1902.

Em seguida, fez-se uma pesquisa dos principais pontos de interesse do Centro Velho, buscando se detectar algum episódio que, de alguma forma, estabelecesse alguma conexão desse local com cada um dos times selecionados. Ao mesmo tempo, foi eleito um personagem de relevância na história da cidade que também tivesse alguma conexão com o local e/ou com o respectivo time.

Finalmente, com base na disposição espacial dos pontos de interesse selecionados, estabeleceu-se uma sequência de percurso desses pontos, chegando-se, assim, ao roteiro desejado.

O roteiro

A tabela a seguir resume o roteiro de nosso passeio. A coluna da direita, porém, está em branco... Como desafio, tente preenchê-la com o nome de um clube que tenha alguma relação com o personagem e com o marco indicados na respectiva linha. Dica: todos os clubes são paulistanos, exceto o da linha 8. Os nomes dos possíveis clubes são (em ordem alfabética):

**Audax / Corinthians / Guapira / Juventus / Nacional / Palmeiras /
Portuguesa / Santos / São Bento / São Paulo / Ypiranga**

	logradouro	personagem	marco	clube
1	Viaduto do Chá	Francesco Matarazzo	Edifício Matarazzo	
2	Praça do Patriarca	José Bonifácio	Estátua do Patriarca	
3	Rua Líbero Badaró	Visconde de Mauá	Edifício Saldanha Marinho	
4	Praça da Sé	Francisco Rebolo	Palacete Santa Helena	
5	Rua Barão de Paranapiacaba	Valentim Diniz	loja da doceira Pão de Açúcar	
6	Rua Quintino Bocaiúva	Adoniran Barbosa	Palacete Tereza Toledo Lara	
7	Rua Direita x Rua XV de Novembro	Nami Jafet	Casa Lebre	
8	Rua XV de Novembro	Pelé	Pelé Arena Café	
9	Praça Antônio Prado	Antônio Prado Jr.	Praça Antônio Prado	
10	Largo de São Bento	Fernão Dias Pais	Mosteiro de São Bento	
11	Rua São Bento	Rodolfo Crespi	Palacete Crespi	

Como se pode constatar, todos os locais pertencem ao Centro Velho de São Paulo. Os personagens selecionados têm íntima ligação com a história da cidade, em seus mais diversos períodos e setores de atividade; apenas um deles (Pelé) está vivo. Já entre os marcos selecionados, a grande maioria surgiu na primeira metade do século passado; três deles não existem mais.

Foi escolhido como ponto de partida do roteiro o *Theatro Municipal* de São Paulo, ícone da arquitetura paulistana do século XX e tradicional concentração de passeios pelo Centro, como a *Caminhada Noturna*.

Saindo do Theatro Municipal, deixamos o Centro Novo e atravessamos o Vale do Anhangabaú pelo Viaduto do Chá, em direção ao Centro Velho. Logo no extremo do Viaduto, à direita, chegamos ao nosso primeiro marco: o **Edifício Matarazzo**. Também conhecido como *Palácio Anhangabaú*, ele abriga, desde 2004, a Prefeitura Municipal. O prédio, curiosamente, foi construído no local onde antes havia um hotel de grande luxo, o *Hotel de la Rotisserie Sportsman*, cujo restaurante, no início do século XX, era muito freqüentado por esportistas, especialmente os amantes do nascente futebol. Projetado pelo arquiteto italiano Marcelo Piacentini e utilizando grande quantidade de mármore em sua fachada e em seus 14 andares, o Edifício Matarazzo tem linhas inspiradas no fascismo de Mussolini, e foi erguido para abrigar a sede das *Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo*, tendo sido inaugurado em 1939.

O nosso personagem é justamente aquele que mandou construir o prédio, e que lhe dá o nome: o Conde **Francesco Matarazzo**. Nascido no sul da Itália em 1854, filho de agricultores, emigrou para o Brasil aos 27 anos, onde abriu um armazém de secos e molhados e uma pequena fábrica de banha de porco, ambos na cidade de Sorocaba, que foram muito bem sucedidos. Em 1890, mudou-se para São Paulo, numa época em que a cidade passava por um período de enorme crescimento econômico e populacional. Em seus primeiros 10 anos na capital, preferiu atuar no comércio, especialmente de farinha, para, então, dar início à implantação de um diversificado conjunto de indústrias, a partir da tecelagem que produzia os sacos em que sua farinha era vendida. Suas Indústrias Reunidas produziam quase tudo: tecidos, pregos, saponáceos, alimentos, produtos químicos. Matarazzo não pôde ver concluído o edifício que mandara construir para ser a sede administrativa de suas indústrias: morreu em 1937, e seu enterro foi o evento que contou com a maior participação popular da história da cidade até então.

Francesco Matarazzo tem uma íntima ligação com a **Sociedade Esportiva Palmeiras**, que, na época, ainda se chamava *Palestra Itália*. Quase todos os pioneiros do clube eram funcionários das Indústrias Matarazzo. Fundado em 1914, logo o clube passou a atuar num campo que havia no interior do Parque Antarctica, criado no final do século XIX pela empresa de mesmo nome como área de lazer para seus funcionários. Esse campo, aliás, foi o palco da primeira partida oficial disputada no Brasil, entre Germânia e Mackenzie, na abertura do Campeonato Paulista de 1902, e era, também, o campo em que o Germânia disputava seus jogos. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, o Germânia diminuiu suas atividades e, em 1920, o Palestra Itália acabou adquirindo o campo da *Companhia Antarctica*, contando

com um empréstimo do Conde Matarazzo. Como não tivesse recursos para quitar essa dívida, mais tarde o clube cedeu ao grupo Matarazzo a parte do terreno que, por alguns anos, abrigou o Shopping Matarazzo, hoje transformado no Shopping Bourbon.

Deixando a sede da Prefeitura e atravessando a Rua Líbero Badaró, chegamos à Praça do Patriarca, um dos mais recentes logradouros do Centro Velho, tendo começado a surgir por volta de 1912, quando se iniciou a demolição de todo um quarteirão, formado pelas ruas da Quitanda, São Bento, Direita e Líbero Badaró. Em 1922, Centenário da Independência, a praça foi batizada com o nome de *Praça do Patriarca José Bonifácio*, simplificado à denominação atual em 1953. No Sesquicentenário da Independência, em 1972, foi instalada no centro da praça a ***Estátua do Patriarca***, o segundo marco de nosso passeio. Feita em bronze e apoiada em pedestal de granito, foi esculpida pelo artista mineiro Alfredo Ceschiati.

A praça e essa estátua são justas homenagens a **José Bonifácio de Andrada e Silva**, justamente nosso próximo personagem. Nascido em Santos, em 1763, e filho de aristocratas portugueses, teve em São Paulo, junto com seus três irmãos, a melhor educação possível, antes de, aos 20 anos, seguir para Coimbra, onde estudou Direito, Matemática e Filosofia. Formado, passou a se interessar por Ciências, em especial pela área de Mineralogia e Metalurgia, tendo feito pesquisas em diversos países europeus. Voltou a Portugal em 1800, e passou a lecionar em Coimbra e a ocupar cargos em instituições científicas. Só em 1819, aos 56 anos, é que iria retornar ao Brasil e iniciar sua conhecida atuação política.

José Bonifácio não poderia imaginar que, além de sua fundamental importância para a Independência do Brasil, ele teria influência na implantação do futebol no país e, indiretamente, iria contribuir para o surgimento de um clube paulistano: a **Associação Portuguesa de Desportos**. Ocorre que os estudos científicos de José Bonifácio despertaram, muitos anos depois de publicados, a admiração de um rico advogado americano, chamado John Theron Mackenzie. Ligado à *Igreja Presbiteriana*, em 1893 ele deixou em testamento uma vultosa doação em dinheiro para que fosse criado no Brasil um curso de Engenharia, o primeiro de natureza privada no país, aos moldes das instituições americanas. Já naquele tempo, estava instalada, no bairro de Higienópolis, a conceituada *Escola Americana*, criada em 1870 por um casal de missionários presbiterianos norte-americanos, Mary e George Chamberlain. Pois foi a essa escola que foi destinada a doação de Mackenzie, surgindo então a *Escola de Engenharia Mackenzie*, origem da atual *Universidade Mackenzie*. Pouco depois, em 1896, chegava a São Paulo para lecionar no Mackenzie o Prof. Augusto Shaw, trazendo consigo algumas bolas de basquete, esporte recém-criado nos Estados Unidos. A prática do novo esporte pelos alunos do Prof. Shaw levou à criação da *Associação Atlética Mackenzie College*, que, em 1898, passaria a incluir o futebol entre os esportes praticados por seus membros. O time do Mackenzie, considerado o primeiro formado genuinamente por brasileiros, foi um dos 5 pioneiros que disputaram o Campeonato Paulista de 1902. Embora com algumas boas campanhas, o Mackenzie jamais conseguiu sagrar-se campeão. Em 1920, cinco associações paulistanas de origem lusitana se fundiram, dando origem à *Associação Portuguesa de Esportes*, cuja meta era participar

do Campeonato Paulista de futebol daquele ano. As inscrições, porém, já estavam encerradas. No entanto, como o Mackenzie já estava inscrito, foi feito um acordo, surgindo então a *Portuguesa-Mackenzie*. Com essa denominação, o time disputou 3 campeonatos paulistas, até que, em 1923, o Mackenzie retirou-se definitivamente das disputas, desfazendo a parceria. A Portuguesa prosseguiu, e hoje é a quarta força da cidade, já tendo conquistado três campeonatos paulistas.

Deixando a Praça do Patriarca, tomamos a direção do Largo de São Francisco, pela Rua Líbero Badaró. Após uns 100m de caminhada, podemos observar, à direita, um dos mais belos prédios no estilo *art-decô* do centro: o **Edifício Saldanha Marinho**, inaugurado em 1933. Originalmente, o prédio era para ser a sede do *Automóvel Clube de São Paulo*. No entanto, antes de sua inauguração, ele foi vendido para a *Companhia Paulista de Estradas de Ferro*, fundada em 1868 para atender as reivindicações dos poderosos cafeicultores do interior do estado, insatisfeitos com a decisão dos dirigentes da *São Paulo Railway*, criada poucos anos antes, de levarem os trilhos da *Inglesa* (apelido da SPR) apenas até Jundiaí. Hoje, o prédio abriga a *Secretaria da Segurança Pública*, mas seu passado deixou marcas em sua fachada, que exibe um vitral com a ilustração de um trem.

Embora o nome do prédio seja uma homenagem a Joaquim Saldanha Marinho, presidente da Província de São Paulo na época da inauguração da ferrovia, nosso personagem é o idealizador da São Paulo Railway, o empresário, comerciante, armador, industrial e banqueiro gaúcho **Irineu Evangelista de Souza**, mais conhecido como Visconde de Mauá. Nascido em 1913 e filho de pequenos criadores de gado, Mauá ascendeu social e economicamente por seus próprios méritos, ao colocar em prática idéias do capitalismo e do liberalismo econômico. Teve intensa atuação contra a escravidão e o tráfico de escravos, defendendo o justo pagamento da mão-de-obra e os investimentos em tecnologia. Embora tenha vivido quase toda sua vida no Rio de Janeiro, onde desenvolveu a maior parte de seus projetos, teve grande importância para o desenvolvimento de São Paulo, reconhecida no nome dado a um município da Grande São Paulo e à rua em que fica a *Estação da Luz*, mais notável legado da São Paulo Railway na cidade.

Mas há, no futebol, um outro legado da SPR: o **Nacional Atlético Clube**, nome dado em 1946, quando a ferrovia foi nacionalizada, ao antigo *SPR Athletic Club*, fundado em 1919 por seus funcionários. Tendo seu estádio e sua sede social (decorada por um antigo e autêntico vagão de trem, que abriga uma cafeteria) no bairro da Água Branca, o clube, atualmente, luta com dificuldades para sobreviver, disputando o Campeonato Paulista da quarta (e última) divisão, depois de ter tido várias participações na divisão de elite, onde chegou a alcançar um honroso quarto lugar, em 1939.

Continuando pela Rua Líbero Badaró, chegamos ao Largo de São Francisco, onde viramos à esquerda e seguimos em direção à Praça da Sé, pela Rua Benjamin Constant, que, na época colonial era, curiosamente, chamada de *Rua do Jogo da Bola* (obviamente, não se trata de uma referência ao futebol!).

Chegando à Praça da Sé, precisamos fazer um esforço de imaginação, pois o marco que queremos destacar já não existe mais. Demolido em 1971, para a construção da *Estação Sé do Metrô*, o famoso **Palacete Santa Helena**, construído nos anos 1930, tinha em sua fachada belos ornamentos e esculturas, e seu interior era dotado de instalações luxuosíssimas, como o cineteatro que, em requinte, rivalizava com o Theatro Municipal. Além de sua importância arquitetônica, o prédio se notabilizou por abrigar ateliês de artistas que ganharam projeção no cenário nacional das artes, e que formaram o *Grupo Santa Helena*. Se hoje os componentes desse grupo têm seus nomes reconhecidos, no passado foram alvo de certo desprezo por parte das elites, pois, imigrantes europeus de origem pobre, muitas vezes eram obrigados a exercer outras profissões, como atividades artesanais e proletárias, para poderem sobreviver. Dentre eles, podem ser citados: Alfredo Volpi, Fúlvio Penacchi, Aldo Bonadei, Alfredo Rizzotti, Mario Zannini, Humberto Rosa, Manuel Martins e Clóvis Graciano.

O pioneiro desse grupo, que instalou seu ateliê no prédio por volta de 1934, é justamente nosso próximo personagem: o pintor paulistano **Francisco Rebolo Gonsales**. Filho de imigrantes espanhóis, de poucas posses, Rebolo nasceu em 1902. Amante e praticante de futebol, durante sua juventude teria atuado como atacante do Corinthians e do Ypiranga, ainda na era amadora. Mas foi na pintura que Rebolo ganhou fama e o merecido reconhecimento de público e crítica. Sua ligação ao futebol não se restringe à sua atuação como jogador: sua tela *Futebol*, de 1936, é uma das mais antigas pinturas que retratam o esporte. Consta que uma das figuras de jogadores que nela aparecem é um auto-retrato do artista.

Mas a principal obra de Rebolo que o liga ao futebol, mais especificamente ao mesmo **Sport Club Corinthians Paulista** cujas cores teria defendido nos anos 1920, é o desenho que ele fez do atual escudo do time de maior torcida da cidade, incorporando ao anterior a âncora e o par de remos. Só isso já bastaria para incluir seu nome na lista dos personagens paulistanos de importância para o futebol.

Virando à esquerda na Praça da Sé, andamos uma quadra e tornamos a virar à esquerda, na pequena **Rua Barão de Paranapiacaba**, célebre por seus comerciantes de ouro, metal que costuma ornamentar as jóias adquiridas por jogadores bem sucedidos, assim que recebem seus primeiros salários. Nessa mesma rua, num imóvel que já não existe mais, numa época em que os salários dos jogadores ainda não lhes permitiam o consumismo hoje tão comum, foi aberta, em 1952, a segunda filial de uma doceira, cuja matriz foi inaugurada 4 anos antes pelo nosso próximo personagem.

Um dos maiores empreendedores da cidade, o português **Valentim dos Santos Diniz** nasceu em 1913 numa pequena aldeia lusitana. Órfão de mãe desde os 8 anos, em 1929 decidiu emigrar para o Brasil. Depois de uma escala no Rio de Janeiro, onde se encantou com a visão do morro do Pão de Açúcar, desembarcou no porto de Santos, chegando à casa de parentes, na Mooca, em São Paulo. Logo conseguiu um emprego como entregador num empório de um conterrâneo, Januário Miranda, que lhe ofereceu um quarto para morar, nos fundos do estabelecimento. A sorte o ajudou: já casado com Floripes, ao juntar

suas economias a um prêmio de loteria ganho pela esposa, conseguiu abrir seu próprio negócio, uma pequena mercearia. Em 1948, com o apoio de seu primeiro e único patrão, abriu uma doceira, dando-lhe o nome de *Pão de Açúcar*, em homenagem ao país que tão bem o acolhera. Pouco depois, abriu mais duas filiais, a segunda delas justamente na Rua Barão de Paranapiacaba. E, em 1959, inaugurou seu primeiro supermercado. Desde então, ao longo de quase 50 anos, viu sua rede de lojas ampliar-se cada vez mais, expandindo seus negócios a outros segmentos e a outras cidades, estados e países. Antes de falecer, em 2008, já tinha transferido o controle das empresas do *Grupo Pão de Açúcar* a seu primogênito, Abílio Diniz, que, mas tarde, as vendeu ao grupo francês *Casino*.

A família Diniz, tradicionalmente, tem mantido estreitas relações com o esporte. A paixão de Abílio Diniz pelo atletismo, modalidade da qual é praticante, levou-o a criar, em 1985, o *Pão de Açúcar Esporte Clube*, o PAEC, inicialmente focado apenas nesse esporte. Em 2003, o clube incorporou o futebol, e em 2007 fez sua estréia na 4ª. divisão do Campeonato Paulista. Em 2014, após sucessivos acessos e já com o nome de **Grêmio Osasco Audax**, disputou seu primeiro campeonato na 1ª. divisão.

Virando à direita na Rua Quintino Bocaiúva, chegamos à esquina da Rua Direita, onde vamos encontrar outro marco de destaque deste nosso passeio: o *Palacete Tereza Toledo Lara*, belo e já centenário prédio de três andares, recém restaurado, erguido em 1910 pelo conde Antônio de Toledo Lara, um dos fundadores da *Companhia Antarctica*. Teresa era sua filha, então com 7 anos. A família, porém, não chegou a ocupar o palacete, pois logo em 1912, algumas salas foram alugadas à *Casa Bevilacqua*, loja de instrumentos musicais do Rio de Janeiro. Em 1939, outras salas do prédio foram alugadas à *Editora Irmãos Vitale*, especializada em livros e partituras musicais. Em pouco tempo, as duas empresas estabeleceriam uma parceria, fazendo com que o cruzamento da Rua Quintino Bocaiúva com a Rua Direita ficasse conhecido como *A esquina musical de São Paulo*. Essa denominação ganhou força com a chegada, nessa mesma época, da *Rádio Record*, que se instalou nos andares superiores do palacete. De propriedade do Dr. Paulo Machado de Carvalho, depois de ter ficado conhecida como a *Voz de São Paulo*, pela sua marcante atuação na *Revolução Constitucionalista de 1932*, a Rádio Record se transformou numa espécie de versão paulistana da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, apresentando, em seus programas de auditório, os mais famosos artistas contratados pela poderosa emissora carioca.

Um nome, porém, ficou definitivamente marcado nos quase 20 anos em que a Rádio Record ocupou o prédio da esquina musical de São Paulo, a ponto de merecer, hoje, uma placa na sua fachada. É ele, justamente, o nosso personagem da vez: João Rubinato, ou melhor, **Adoniran Barbosa**. Nascido em Valinhos em 1910, filho de imigrantes italianos, ainda menino manifestou a vontade de ser ator e cantor. Em São Paulo, aonde chegou no auge da *Era do Rádio*, arriscou a sorte em programas de calouros, sendo quase sempre gongado. Seu destino começou a mudar quando conheceu Osvaldo Moles, redator de programas humorísticos, que criou, para sua interpretação no rádio, personagens populares, como o imortal Charutinho, com o linguajar e o sotaque italianados que Adoniran colhia nas ruas. Em 1953,

realizou seu sonho de menino, atuando no filme *O cangaceiro*, de Lima Barreto, premiado no *Festival de Cannes*, com desempenho tão bom que lhe rendeu outros convites para o cinema, e, já no fim de sua vida, para telenovelas. Mas foi como compositor que Adoniran ficou mais conhecido. Foram inúmeros sucessos, muitos deles falando de lugares e personagens da cidade, como *Samba do Arnesto*, *Iracema*, *Viaduto Santa Ifigênia*, *No morro da Casa Verde*, *Vila Esperança*, *Um samba no Bixiga*, *Saudosa Maloca* e tantos outros. Nenhum desses, porém, se compara ao que representa o samba *Trem das onze*, composto em 1964 e vencedor do carnaval carioca no ano seguinte, na interpretação dos *Demônios da Garoa*. Nos anos 90, uma pesquisa da *Rede Globo* indicou *Trem das onze* como a música que mais representa a cidade de São Paulo, batendo outras fortes candidatas, como *Sampa*, *Ronda* e *Lampião de gás*.

Fanático torcedor do Corinthians, Adoniran Barbosa poderia ser o nosso personagem desse time. Mas seu nome, aqui, será ligado ao humilde **Clube de Campo Associação Atlético Guapira**, fundado em 1918 como time de várzea e profissionalizado em 1982, e que, ao contrário de tantos times paulistanos, já extintos, sobrevive até hoje, embora esteja temporariamente afastado dos torneios profissionais. O nome do *Leão da Zona Norte*, seu apelido, se deve ao *Sítio Guapira*, antiga denominação do bairro do Jaçanã, onde tem sua sede (jaçanã é uma ave abundante na região). Incluído na letra de *Trem das onze*, o distante Jaçanã “caiu na boca do povo”, embora se diga que essa citação só ocorreu para a rima com amanhã, pois o compositor jamais morou nesse bairro, e nunca houve um trem para lá com saída às 11h da noite!

Seguindo à direita pela Rua Direita, chegamos à esquina com a Rua XV de Novembro onde, outra vez, teremos que usar nossa imaginação para evocar o próximo marco desta caminhada. Ali, nos idos de 1858, num antigo casarão pertencente ao Barão de Tietê, foi fundada pelos irmãos João e Joaquim Lopes Lebre uma pequena loja de ferragens que, em 1906, instalada num novo e amplo prédio, abrigou um moderno e famoso estabelecimento comercial da cidade, a **Casa Lebre**. Com sua sofisticada lanchonete, foi precursora das grandes lojas de departamentos que não tardariam a chegar.

No mesmo 1906, seus funcionários fundaram um clube para a prática do futebol, então praticamente restrito à elite. Como não tinham campo próprio, levavam traves e bolas a pé até a Várzea do Carmo, às margens do Rio Tamanduateí, onde realizavam seus jogos. Surgia, assim, o **Clube Atlético Ypiranga**, alvo de certa discriminação, pela origem humilde de seus sócios. Sua participação no Campeonato Paulista só foi aceita em 1910, depois de disputar (e vencer) um torneio classificatório. Sendo o caçula dos times paulistas, foi apelidado de *Benjamin*, alusão ao personagem bíblico, o mais novo dos 12 filhos de Jacó e Raquel. Sem nunca ter sido campeão paulista, em 1959, rebaixado para a 2ª. divisão, o Ypiranga retirou-se das disputas profissionais. Curiosamente, o ex-Benjamin era então conhecido como *Vovô*, pois era agora o mais antigo time paulistano ainda em ação.

Tendo sua origem num estabelecimento comercial, o Ypiranga está fortemente ligado a outra figura importante do comércio paulistano, e que é o nosso próximo personagem: o libanês **Nami Jafet**. Nascido

em 1860, professor e autor de livros sobre Matemática, Jafet emigrou para o Brasil em 1893, trazendo consigo sua família. Aqui, abriu uma firma atacadista de tecidos, da qual foi diretor, enquanto seus irmãos trabalhavam como mascates. Em 1907, implantou, no Ipiranga, uma indústria têxtil, que abastecia lojas da família na região da Rua 25 de Março, precursoras do intenso comércio hoje lá existente. Sua indústria expandiu-se e diversificou-se, atuando ainda em mineralogia, metalurgia, siderurgia e maquinaria. Fã de esportes, Nami Jafet participou da fundação do *Esporte Clube Sírio* e do *Clube Atlético Monte Líbano*, e com a ajuda de sua família, o Ypiranga mudou-se para o bairro que, coincidentemente, lhe dá o nome, onde está até hoje. Em sua homenagem, o estádio do clube, na rua dos Sorocabanos, tinha o seu nome.

Nosso passeio prossegue entrando agora na Rua XV de Novembro que, no Império, conhecida como Rua do Rosário, e mais tarde Rua da Imperatriz, abrigava os estabelecimentos comerciais mais sofisticados e elegantes da cidade, especialmente os de tecidos. Sua denominação atual veio com a Proclamação da República, e, a partir de então, recebeu um grande número de agências bancárias, instaladas em prédios do início do século XX. Com a transferência do centro financeiro da cidade para a Av. Paulista, passou por um período de declínio, mas se recuperou. Hoje, com as fachadas de seus prédios restauradas, é uma das mais belas ruas paulistanas. Inaugurado nos anos 2000, o ***Pelé Arena Café*** tem decoração inspirada no futebol, fazendo alusão a um personagem que dispensa apresentações. Embora nunca tenha defendido um clube paulistano, foram tantas as memoráveis atuações de **Pelé** nos estádios da cidade que muitos paulistanos viraram torcedores de seu time, o **Santos Futebol Clube**.

No fim da Rua XV de Novembro, chegamos a mais um marco do nosso roteiro: a ***Praça Antônio Prado***, antigo Largo do Rosário, onde ficava a *Igreja do Rosário dos Homens Pretos*, demolida em 1904 e reconstruída no Largo do Paissandu, onde está até hoje. O nome atual da praça homenageia o conselheiro Antônio da Silva Prado, advogado, cafeicultor, banqueiro e político, tendo sido o primeiro prefeito de São Paulo, e o que governou a cidade por mais tempo (12 anos). Em sua gestão, foram executadas obras importantes, como a construção do Theatro Municipal, da Pinacoteca do Estado e da Estação da Luz, além da abertura da Av. Tiradentes, do asfaltamento da Av. Paulista e da ampliação do Largo do Rosário.

Com tantos feitos, ele poderia ser o nosso personagem, mas escolhemos seu filho, **Antônio da Silva Prado Jr.**, nascido em 1880 e, como o pai, também político (foi prefeito do Rio de Janeiro). Engenheiro, Prado Jr. foi um jovem bastante aventureiro: com sua esposa, participou de um voo de balão em Paris, pilotado por seu amigo Santos Dumont, e da primeira travessia automobilística de São Paulo a Santos, numa viagem que levou 37 horas. Nossa escolha, porém, se deve à sua paixão pelos esportes. Ainda adolescente, praticou o ciclismo, levando sua avó, a poderosa e riquíssima Dona Veridiana Prado, no final do século XIX, a mandar construir um velódromo. Algum tempo depois, seu grupo de amigos utilizava o gramado interno da pista para a prática do novo esporte que acabara de ser introduzido por Charles Miller no clube inglês também instalado em propriedades de sua avó: o *football*. O que, a princípio, era só uma brincadeira, acabou ficando sério e, no final de 1900, era fundado o *Club Atlético Paulistano*, sediado no

velódromo, que, com sua pista transformada em arquibancada, tornou-se o primeiro estádio do Brasil. O Paulistano foi o maior vencedor do Campeonato Paulista no tempo do amadorismo, com 11 títulos.

Após o campeonato de 1929, porém, o Paulistano retirou-se das disputas, para se manter fiel aos preceitos do amadorismo, que, inevitavelmente, iriam dar lugar ao emergente profissionalismo ainda proibido, mas já presente na maioria dos clubes. Seus jogadores, liberados, juntaram-se aos de outra agremiação, a A.A. *das Palmeiras*, dona de um campo às margens do Rio Tietê, na região chamada de Floresta, resultando no **São Paulo Futebol Clube**, que mesclou o branco e vermelho do Paulistano com o branco e preto da Palmeiras. Discute-se se esse *São Paulo da Floresta*, para alguns, é o mesmo São Paulo F.C. dos tempos atuais. Isso porque em 1935, por um desentendimento entre seus dirigentes, o clube foi incorporado ao *Clube de Regatas Tietê*, extinguindo-se o time de futebol. Seus torcedores, porém, não aceitando essa decisão, deram início a outro clube, com o mesmo nome e as mesmas cores do anterior, e após superar dificuldades financeiras, firmou-se como um dos grandes do futebol paulista e brasileiro.

Deixando a praça pela Rua João Brícola, chegamos à Rua Boa Vista, cujo nome evoca o panorama que, no passado, dali se podia avistar, incluindo o Rio Tamanduateí, em cujas margens Charles Miller e seus amigos disputaram a primeira partida de futebol no Brasil, em 1895. No final dessa rua está o Largo de São Bento, local que era ocupado pela taba do cacique Tibiriçá, e onde se ergue hoje o histórico **Mosteiro de São Bento**, o próximo marco do nosso passeio. A construção atual, obviamente, já não é a original. A atual basílica começou a ser erguida em 1910, e apenas em 1922 foram instalados os sinos e o relógio, tido como um dos mais precisos da cidade. Revestida por granito e ornada por vitrais e paredes de madeira entalhada, a igreja abriga um órgão de 6 mil tubos (ainda em funcionamento), uma réplica da *Pietà* de Michelangelo, um crucifixo barroco de 1777 e algumas imagens preciosas, como a da *Virgem de Kasperovo*, da Rússia, cravejada de rubis, turquesas e milhares de pérolas do Mar Negro.

Em frente ao altar estão sepultados os restos mortais do nosso personagem: o bandeirante **Fernão Dias Pais**, o *Caçador das Esmeraldas*. Nascido por volta de 1608, Fernão Dias comandou várias expedições ao interior do país, em busca de ouro, pedras preciosas e índios para escravizar. Pelos caminhos por que passou, fundou vários arraiais, originando vilas e cidades. Ficou famoso pela sua perseverança na busca de esmeraldas. Morreu acometido pela febre, no meio da mata de Minas Gerais, com mais de 70 anos, abraçado a pedras verdes que, depois, se comprovou serem turmalinas. Seu filho Garcia Rodrigues Pais conduziu seus ossos de volta a São Paulo, para o jazigo no interior da Igreja de São Bento – privilégio que fora concedido ao velho bandeirante por ter colaborado na reconstrução do mosteiro.

Como benfeitor dos beneditinos, Fernão Dias foi responsável indireto pelo surgimento, em 1914, da **Associação Atlética São Bento** que, por 20 anos, disputou o Campeonato Paulista, conquistando dois títulos (o primeiro, logo no ano de sua fundação). Formado por ex-alunos do *Colégio São Bento*, fundado

em 1903, a equipe usava uniforme listrado azul e branco. Em 1933, com o advento do profissionalismo, o time foi extinto, não tendo nenhuma relação com o *Esporte Clube São Bento* de Sorocaba, ainda ativo.

Tomando a Rua São Bento, voltamos a atravessar a Praça Antônio Prado, passando pelo majestoso e histórico *Prédio Martinelli*, que já abrigou as sedes sociais do Palmeiras e da Portuguesa. Mais à frente, do lado esquerdo da rua, está o último marco deste nosso passeio: o *Edifício York*, atual denominação do antigo ***Palacete Crespi***, projetado e construído na década de 1920. Na fachada, destacam-se as esculturas de quatro *Atlantis*, figuras gregas que simbolizam força e poder.

Nosso personagem, aqui, é o patriarca da família que dá nome ao palacete, o **Conde Rodolfo Crespi**. Eis aí mais um imigrante bem sucedido. Nascido na Itália em 1874, aqui chegou em 1893. Cinco anos depois, já era dono de um cotonifício, instalado numa área de 30 mil m² no bairro da Mooca, curiosamente hoje ocupada por uma grande loja do já citado *Grupo Pão de Açúcar*. Com a expansão de seus negócios, sua indústria passou a englobar, além da fiação, a tecelagem, a malharia e a tinturaria. Em 1917, enfrentou uma greve de operários, a mais violenta já ocorrida no Brasil. Em 1924, o prédio do cotonifício quase foi destruído por um ataque aéreo das forças legalistas federais, durante a *Revolta Tenentista* daquele ano.

Um mês antes do ataque, para poderem praticar o futebol, funcionários da indústria haviam criado o *Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube*, de uniforme branco e preto, cujo campo de jogo ocupava uma área antes utilizada como cocheira de cavalos, cedida pelo conde. Em 1929, campeã da 2ª. divisão do Campeonato Paulista, a equipe ganhou o direito de disputar a 1ª. divisão no ano seguinte. Com a proibição da utilização de nomes de empresas, o time passou a se chamar **Clube Atlético Juventus**, referência ao famoso alvi-negro italiano, mas mudando para a cor grená (um tom de vermelho escuro, entre o vinho e o roxo). O Juventus nunca venceu um Campeonato Paulista, mas algumas surpreendentes vitórias contra as equipes grandes fizeram-no ganhar o carinhoso apelido de *Moleque Travesso*.

Nossa caminhada está no fim. Ao cruzarmos a Rua da Quitanda, estamos de volta à Praça do Patriarca. Podemos, então, atravessá-la e, seguindo pelo Viaduto do Chá, retornamos ao *Theatro Municipal*, na Praça Ramos de Azevedo. Aqui, podemos tomar emprestadas as cortinas do palco e dizer, parafraseando o saudoso locutor esportivo Fiori Gigliotti: “*fecham-se as cortinas e termina o nosso roteiro*”!

Conclusões

O roteiro apresentado foi testado em 2013, em dois passeios a pé pelo centro. O primeiro deles contou com a participação de 40 pessoas do grupo da *Caminhada Noturna*, numa quinta-feira; o segundo foi realizado numa manhã de sábado com 15 membros da *PreservaSP*, uma OSCIP que busca conscientizar a sociedade para a defesa do patrimônio cultural e da paisagem urbana. A duração desses passeios foi de

2 horas, conforme o previsto. Em cada ponto do roteiro, foi feita uma parada, para um breve relato sobre a história do local, do marco, do personagem e do próprio time relacionado.

Para envolver ainda mais os participantes, ao longo do percurso lhes foi proposto um desafio: em cada marco, deveriam descobrir o personagem e o time a ele relacionados, dentre as opções apresentadas. O resultado foi bem satisfatório. Quase todos os participantes tinham vínculos afetivos com a cidade, mas, embora a maioria não tivesse muita afinidade com o Futebol, a maioria se motivou para tentar solucionar o desafio. No final de ambos os passeios, sua aprovação foi quase unânime.

Deve-se notar que, além deste roteiro, o autor já desenvolveu outros dois, também na região central da cidade, que também têm o Futebol como seu tema principal. Um deles aborda o primeiro campeonato de Futebol disputado no Brasil, o Paulista de 1902, e os 5 clubes que dele participaram (Germânia, Internacional, Mackenzie, Paulistano e São Paulo Athletic). O outro foca a presença da cultura italiana no Centro, com destaque às origens italianas de Corinthians, Juventus, Palmeiras e São Paulo. Atualmente, o autor estuda a elaboração de um roteiro pela Av. Paulista, também com a temática do Futebol.

Fontes de consulta

enciclopédia *Wikipedia* / verbetes: *Adoniran Barbosa* / *Antônio da Silva Prado* / *Antônio da Silva Prado Jr.* / *Associação Atlética São Bento (São Paulo)* / *Associação Portuguesa de Desportos* / *Casa Lebre* / *Clube Atlético Juventus* / *Clube de Campo Associação Atlética Guapira* / *Clube Atlético Ypiranga* / *Edifício Matarazzo* / *Edifício Saldanha Marinho* / *Fernão Dias Pais* / *Francesco Matarazzo* / *Francisco Reboló* / *GPA* / *Grêmio Osasco Audax* / *Grupo Santa Helena* / *Irineu Evangelista de Sousa* / *José Bonifácio de Andrada e Silva* / *Mosteiro de São Bento (São Paulo)* / *Nacional Atlético Clube (São Paulo)* / *Palacete Tereza Toledo Lara* / *Rodolfo Crespi* / *Santos Futebol Clube* / *São Paulo Futebol Clube* / *Sociedade Esportiva Palmeiras* / *Sport Club Corinthians Paulista* / *Valentim Diniz*

relatos do guia Laercio Cardoso de Carvalho, durante os passeios da *Caminhada Noturna*

passeios do autor pelo Centro de São Paulo